

---

## ARQUITETURA E EDUCAÇÃO DO CORPO: NOTAS INDICIAIS

*Carmen Lúcia Soares\**

*Andrés Zarankin\*\**

### **Resumo**

O corpo, em sua materialidade, pode ser trazido à cena como possibilidade para se pensar a vida humana e toda a complexidade de suas interações. Circunscrito em quadros relacionais bem precisos, é capaz de esclarecer um mundo (Vigarello, 2003, p. 4). Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo pode ser tomado como síntese visível da inegável inter-relação entre natureza e cultura. Seus múltiplos sentidos, assim, pedem múltiplos olhares para que dele se fale.

O corpo, portanto, é também expressão do traço esculpido na pedra, no concreto, nos grãos de areia; contém esta memória e é, também, memória. Sua educação dá-se na relação com a materialidade do mundo. As implicações disso são claras quando se trata de pensar no papel da arquitetura nesta educação.

### **Introdução**

Vitrúvio ilustra o seu *Tratado de Arquitetura* com o desenho de um corpo, conhecido como medida proporcional do corpo humano.<sup>1</sup> Distante ainda da simetria própria à perspectiva, mas bem esquadrihada por linhas horizontais e verticais, esta imagem

\* Mestre em Filosofia e História da Educação pela PUC/SP, doutora em Educação pela FE-Unicamp e professora da Faculdade de Educação da Unicamp.

\*\* Doutor em História pelo IFCH-Unicamp, pesquisador do Departamento de Investigações Arqueológicas e Pré-Históricas do Conicet (Argentina) e professor adjunto da Universidade de Buenos Aires.

<sup>1</sup> Ver a respeito as análises empreendidas por Cláudia Marinho Wanderley em *Noções de saúde: tecnologias da linguagem*. Campinas, Tese (doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem-Unicamp, 2003.

“(…) pode ser lida como um mapa de proporções do corpo”;<sup>2</sup> representa a concepção do hábitat humano e suas proporções perfeitas. É o corpo humano que se traduz em beleza, firmeza e utilidade, qualidades imprescindíveis à arquitetura conforme os ensinamentos de Vitruvius.

Iniciar este texto com a lembrança desta imagem do corpo em uma obra de arquitetura da Antiguidade indica as múltiplas possibilidades de leitura das relações ora sutis, ora explícitas, ora amplamente comentadas, ora ocultadas, porém sempre em pauta, entre corpo e arquitetura.

Paul Valéry observa que

*um edifício terminado nos expõe, num único olhar, uma soma de intenções, das invenções, dos conhecimentos e das forças que sua existência implica; ele manifesta à luz a obra combinada do querer, do saber e do poder do homem (...).*

A arquitetura, como parte da memória coletiva e individual de uma sociedade, também conduz nossos passos, constitui uma outra linguagem, guarda segredos, controvérsias e nos condiciona. As ruas, emolduradas por estes atos de conhecimento que se traduzem em edifícios, casas, castelos, escolas... ruínas de todas as épocas, são nossos lugares de passagem, de socialização, de educação. O corpo que cruza veloz ou lentamente os quilômetros de construções, portanto de história humana, é ali também condicionado pela sucessão tensa e contraditória dessas ações no tempo materializadas pela arquitetura.

Neste sentido, a experiência corporal também pode construir uma outra narrativa da cidade.<sup>3</sup> Isto porque a educação do corpo se dá na relação com a materialidade do mundo e as implicações disso são claras quando se trata de pensar a arquitetura. Seria a diversidade dos corpos considerada nos projetos de urbanização? Seriam os espaços destinados aos divertimentos pensados e concretizados a partir de uma premissa que considera a diversidade dos corpos? Richard Sennet vai afirmar que “o corpo humano encobre um caleidoscópio de épocas, uma divisão de sexos e raças, ocupando um espaço característico nas cidades do passado e nas atuais”,<sup>4</sup> seus gestos são capazes de revelar

<sup>2</sup> Claudia Wanderley, *op.cit.*, 2003.

<sup>3</sup> Ver por exemplo Richard Sennet, *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

<sup>4</sup> Sennet, *op. cit.*, 1997, p. 22.

códigos e sentidos de uma sociedade inteira, conforme nos ensinam Marcel Mauss<sup>5</sup> e Lévi-Strauss.<sup>6</sup> Como lugares de inscrição da cultura, os corpos também revelam as cidades, revelam a sua materialidade,

*(...) mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção. Há um trânsito ininterrupto entre os corpos e o espaço urbano, há um prolongamento infinito e, em via dupla, entre o gesto humano e a marca “em concreto” de suas ambições e de seus receios.<sup>7</sup>*

É possível, então, pensar que os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as relações que se estabelecem, pela materialidade do mundo. Poeticamente, Pasolini afirma que

*(...) a educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física – em outras palavras, dos fenômenos materiais da sua condição social – torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. O que é educada é sua carne como forma de seu espírito. A condição social se reconhece na carne de um indivíduo... Porque ele foi plasmado justamente pela educação física da matéria da qual é feito o mundo.<sup>8</sup>*

O corpo, portanto, revela toda a imposição de limites sociais e psicológicos que são dados à sua conduta, permitindo, assim, compreender a dinâmica de elaboração de códigos, técnicas, pedagogias, arquiteturas e instrumentos desenvolvidos para submetê-lo a normas. Pode-se afirmar aqui que o corpo vem sendo tanto o objeto quanto a vítima preferencial da civilização.

<sup>5</sup> Marcel Mauss pode ser considerado quase um fundador de uma compreensão do corpo como um objeto histórico. Ver a respeito Marcel Mauss, *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974 (Cap. I- Noção de Técnica Corporal, pp. 211-233).

<sup>6</sup> Claude Lévi-Strauss, “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia* (vol. 1, São Paulo, Edusp, 1974, p. 48).

<sup>7</sup> Denise Bernuzzi de Sant’Anna (org.), *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 17.

<sup>8</sup> Pier Paolo Pasolini, *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 127.

## **A arquitetura**

Como assinala Foucault, a capacidade de controlar o espaço é uma condição para o funcionamento do poder e é neste sentido que a arquitetura, como forma de construção física da paisagem cultural, torna-se dispositivo eficaz para tal fim. Desta forma, entendendo a arquitetura como uma tecnologia do poder (Foucault, 1976; Grahame, 1995, 2000; Zarankin, 1999, 2000), a sua manipulação pode ser considerada uma estratégia do poder para perpetuar-se.

As construções arquitetônicas, como por exemplo a moradia familiar, a escola, os múltiplos locais de trabalho e mesmo de divertimento, constituem-se em limites artificiais onde os corpos são confinados e educados. Estes limites materializados por atos de conhecimento regulam a forma pela qual as pessoas se encontram no espaço e, portanto, favorecem ou limitam relacionamentos pessoais (Markus, 1993; Grahame, 1995, 2001). Importância central pode ser atribuída a estruturas arquitetônicas vinculadas mais diretamente aos processos de socialização das pessoas, como a moradia familiar e a escola, lugares nos quais é incorporada a maioria dos esquemas mentais assumidos pelo resto da vida, conforme assinala Bourdieu (1977).

Assim a arquitetura pode ser pensada como um tipo de comunicação não-verbal, silenciosa, e lida como discurso que transmite múltiplas mensagens, formas distintas e mais sensíveis, palpáveis e, sobretudo, mais próximas dos que não têm um domínio da palavra (ex. Panosky, 1957; Eco, 1968).

Na longa e conflituosa passagem da sociedade medieval para a capitalista, cada vez mais as atividades humanas passam a ser realizadas dentro de estruturas construídas ou delas dependentes para serem realizadas, e isso certamente não ocorreu por acaso. É possível afirmar que a maioria das atividades e práticas sociais quotidianas passou a desenvolver-se dentro de prédios, dando lugar a um processo de “arquitetonização” da paisagem humana (Zarankin, 2002). Os séculos XVII e XIX atestam esta asserção e constituem-se em um tempo no qual se multiplicaram, nas universidades, os cursos que dão um caráter acadêmico ao ensino da arquitetura, tornando-o um conhecimento normatizado.

Num certo sentido, inaugura-se mais uma atribuição do sistema, qual seja, de formar e controlar os novos profissionais autorizados a construir a própria paisagem do capitalismo,

por meio da especialização e regulação do ensino. Aos arquitetos é reservado um lugar de relevância na sociedade; convertem-se, assim, em profissionais cuja prática materializa idéias e discursos, muitas vezes representativos do poder de indivíduos, grupos e classes em estruturas físicas.

No que concerne a esta problemática, Eco assinala que o desenho arquitetônico tem inserido uma ideologia global que rege a ação do arquiteto (Eco, 1968) e que se expressa por meio de normas ou códigos que atuam sobre a produção arquitetônica. Conforme as palavras do autor, estas normas e esses códigos “(...) nos obrigam a movermos dentro de uma determinada gramática del construir, tan concreta y limitada que llega a estar codificada con el nombre de Ciencia de la Construcción” (Eco, 1968, p. 365). Mais amplamente, pode-se inferir que, pela natureza de seu conhecimento, a arquitetura “(...) satisfice algunas exigencias de la gente, pero al mismo tiempo las persuade para que vivan de una manera determinada” (1968, p. 367).

### **Arquitetura, escola e educação do corpo**

Pensar no lugar ocupado pela arquitetura no processo de formação do mundo moderno e, em especial, na sua importância na educação do corpo, parece ser uma tarefa necessária. As transformações do capitalismo, evidenciando seu paralelo material, revelam mudanças nunca antes vistas na forma de conceber, construir, estruturar e organizar a cidade. Espaços, decorações, distribuições e morfologias da arquitetura acentuam a importância de sua dimensão ideológica e simbólica e permitem, assim, pensar por exemplo na organização curricular das escolas e perceber que a ausência de determinado conhecimento ou modos como outros conhecimentos são apresentados têm o seu correspondente direto dado pela organização do espaço, pela construção, pela arquitetura (Zarankin, 2002). Pode-se assim pensar nos discursos inseridos nas paredes, os quais acabam contribuindo para modelar o *habitus* dos indivíduos de nossa sociedade. É possível, portanto, compreender a “construção material da escola como forma de ampliar (o) entendimento dos processos de produção e reprodução da sociedade moderna”.<sup>9</sup> Desse modo, procede-se a uma busca de compreensão das subjetividades

<sup>9</sup> Andrés Zarankin. *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista; o caso de Buenos Aires*. Campinas-SP: Centro de História da Arte e Arqueologia. IFCH-Unicamp/Fapesp, 2002, p. 15.

contidas e geradas pela cultura material, considerando as transformações no tempo e as estratégias de legitimação do poder.

Pensar as sociedades é pensar também no modo como as “verdades”, sempre provisórias e mutáveis, são construídas por meio de múltiplas práticas, sendo a manipulação da cultura material uma delas, o que nos permite compreender a arquitetura como tecnologia de poder. Há uma domesticação silenciosa das paredes, muros, estruturas arquitetônicas, e pensá-las como extensão dos seres humanos talvez nos permita pensar as conquistas, os problemas e as angústias do presente vivido num mundo urbano, cada vez mais radicalmente transformado. Pensar, ainda, a própria idéia de construção, supostamente voltada para a harmonia e felicidade humanas, como atividade que faz a passagem da desordem para a ordem, num mundo que faz uso deliberado do arbitrário para, também supostamente, atender às necessidades (Zarankin, 2002).

Na sociedade moderna, muitos edifícios, pela organização autoritária, hierárquica e não-distributiva do espaço, revelam em sua materialidade construída relações de poder assimétricas e, deste modo, limites concretos aos deslocamentos, aos encontros entre pessoas, à sua liberdade de ir e vir. A partir dessa compreensão, é possível equiparar as estruturas arquitetônicas a verdadeiros teatros do poder (Markus, 1993).

As formas atuais das escolas, as prisões, os hospitais, as moradias familiares, as cidades em seu conjunto representam um modelo de sociedade, um modelo de indivíduo adequado e útil ao sistema predominante. Desigualdade, individualismo, vigilância, controle, flexibilidade, complexidade, hierarquia, são componentes freqüentes de qualquer prédio moderno. Conceitos silenciosos assimilados pelo corpo aos entraves de práticas cotidianas. Rotinas que, ao se repetirem, constroem modelos de indivíduos. A arquitetura não pode ser pensada como uma prática humana neutra, pois sua mensagem marca, para sempre, os nossos corpos.

### **Práticas corporais e arquitetura: um exemplo de domesticação sutil**

Piscinas retangulares “semi-olímpicas”, quadras “poliesportivas”, academias de “ginástica” equipadas com inúmeros aparelhos destinados à modelagem do corpo e/ou à sua performance aeróbica fazem parte de nosso cotidiano urbano e do imaginário rural, alcançado pela mídia televisiva, como locais destinados às práticas corporais.

Um olhar mais atento a este aparato arquitetônico e material revela uma padronização de atividades, às quais parcela significativa da população é “educada” a consumir como possibilidade única de colocar o corpo em movimento, ao largo da atividade produtiva do mundo do trabalho.

A título de exemplo, podemos voltar nosso olhar para a arquitetura das escolas de ensino fundamental e médio e perguntarmos qual é o espaço destinado às práticas corporais, se é que há algum. Se partilharmos da idéia de ser a arquitetura<sup>10</sup> um caso particular de linguagem, portanto possibilidade concreta de materialização de discursos, podemos afirmar que nas escolas, mesmo naquelas que possuem precárias estruturas arquitetônicas, quando algum espaço é destinado às práticas corporais, vamos encontrar as quadras “ poliesportivas”. Do mesmo modo, naquelas que apresentam arquitetura e equipamentos considerados ideais, as quadras estão lá, e, quando piscinas são construídas, seguem as especificações do esporte<sup>11</sup> de alto rendimento e adquirem o formato retangular da piscina “semi-olímpica”.

Aparentemente não há nenhum inconveniente em relação a essas construções, sejam em escolas ou em outros lugares, até porque parece algo estabelecido que colocar o corpo em movimento é fazer “ginástica” em alguma academia superequipada e/ou praticar

<sup>10</sup> Para maiores informações, consultar Andrés Zarankin, *op.cit.*, 2002.

<sup>11</sup> Cf. Valter Bracht: “O esporte ‘moderno’ desenvolve-se a partir do século XVIII em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa [...] e vai constituir-se fundamentalmente a partir de atividades do âmbito do divertimento das classes dominantes no seu tempo livre e dos jogos populares. [...] O desenvolvimento e a expansão do esporte aconteceu tendo como pano de fundo o processo de modernização dos séculos XIX e XX. [...] Muitos dos elementos característicos da sociedade moderna, no caso capitalista industrial, vão ser incorporados e/ou estão presentes no esporte: orientação para o rendimento e a competição, a cientificação do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo – este último sendo central para a expansão do esporte promovida pelo movimento olímpico. Esta forma de prática corporal, com estas características, ou seja, orientada para o rendimento e a competição, vai expandir-se a partir do século XIX para o continente europeu e vai transformar-se ao longo do século XX no conteúdo hegemônico da cultura corporal de movimento ao nível mundial.” In: *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997, pp. 95-97; ver também Georges Vigarello, *Du jeux ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Seuil, 2002; “Le temps du sport”. In: CORBIN, A., *L'avènement des loisirs: 1850 - 1960*. Paris: Aubier, 1995, pp. 191-22; ver ainda a revista *Communication*. Paris: Seuil, 1998, n. 67 (Le spectacle du sport).

alguma atividade “esportiva”. Torna-se difícil pensar práticas corporais e lugares para o seu desenvolvimento, seja em escolas ou fora delas, que não estejam domesticados pela cultura do treinamento desportivo e todo seu aparato científico, nele incluída a arquitetura esportiva. Talvez por isso aquele belo passeio num parque ou mesmo nas ruas do bairro onde se vive se torne agora “exercício”, os alimentos consumidos por décadas e que compunham a dieta de populações inteiras virem “calorias” e, muitas vezes, deixem de ser consumidos...

A cultura de movimento, conceituação de caráter mais global que concretiza práticas culturais nas quais o movimento humano é o elemento principal de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas, tradicionalmente, por comunidades ou sociedades,<sup>12</sup> vai sendo substituída por práticas corporais padronizadas e difundidas como corretas, modernas e estabelecidas como mais adequadas ao bom desenvolvimento do corpo e à manutenção da saúde.

Na cidade, onde há uma concentração de corpos, mas não somente nela, dado o caráter globalizado que adquirem as práticas humanas, tem prevalecido uma cultura de movimento que educa indivíduos e grupos a buscarem o “corpo ideal”, no qual sempre o excesso de gorduras, as marcas do tempo que contam as histórias dos afetos devem ser eliminados e o rendimento máximo deve prevalecer.

*(...) Imagens ideais do corpo humano levam à repressão mútua e à insensibilidade, especialmente entre os que possuem corpos diferentes e fora do padrão. Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente ‘o corpo’, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma.*<sup>13</sup>

Nos últimos duzentos anos o mundo ocidental<sup>14</sup> tem afirmado uma cultura de movimento que, investida pela ciência e pela tecnologia, vai sobrepor-se a práticas singulares de

<sup>12</sup> Esta conceituação é bem desenvolvida por Elenor Kunz, *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí Ed., 1991.

<sup>13</sup> Sennet, *op. cit.*, 1997, p. 22.

<sup>14</sup> Para maiores referências, consultar Ana Márcia Silva, *Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

indivíduos, grupos, classes sociais, comunidades e sociedades e, consciente ou inconscientemente, legitimar práticas de controle do corpo em movimento e, sobretudo, do prazer do corpo em movimento. O exemplo mais tangível é a obsessão esportiva e o esporte como forma dominante de organização da corporeidade, cuja idéia central é o rendimento. É o esporte de alto rendimento que impõe o seu conteúdo à cultura de movimento através de várias estratégias, sendo uma delas a manipulação da cultura material, ou seja, a construção dos lugares destinados às práticas corporais, os quais, por serem ativos, acabam determinando as atividades lá desenvolvidas.

Ocorre que em nossa sociedade ocidental há uma crença generalizada e uma educação massificada que nos fazem crer que os processos de passagem das idades devem ser ocultados e as experiências das transformações do corpo substituídas pelas sensações causadas pelos milagrosos elixires da juventude, não importando muito as conseqüências nem os riscos decorrentes de seu uso indiscriminado, desde que se conquiste o último corpo da moda. “Tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados.”<sup>15</sup>

Talvez por tudo isso, reflexões em torno de nossas atitudes em relação às práticas corporais sejam importantes, antes de aderir ingênua ou cegamente aos apelos midiáticos do “mexa-se”, “movimente-se” pautados pelo cronômetro, pela velocidade, pela busca de uma *performance* para caminhar mais rápido, fazer mais exercícios abdominais, peitorais, dorsais..., nadar mais estilos em menos tempo, fazer mais “piscinas”, diminuir o peso corporal mesmo quando o indivíduo se sente muito bem, porém está fora dos padrões de peso, estatura e estética ocidentais que se querem universais.<sup>16</sup>

Essas reflexões implicam, ainda, um trabalho da memória, um constante exercício de tirar do esquecimento modos de tratar o corpo, de exercitá-lo, de compreendê-lo no

<sup>15</sup> Denise B. Sant’Anna, É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L., *op. cit.*, 2001, pp. 3-23.

<sup>16</sup> Ver a respeito Ana Márcia Silva. *op. cit.*, 2001; Claude Fischler, La symbolique du gros. In: *Communication*. Paris: Seuil, n. 46, pp. 255-78; Jean-Paul Aron, La tragédie de l’apparence à l’époque contemporaine. In: *Communication*. Paris: Seuil, 1987, n. 46, pp. 255-79; Alexandre Fernandez Vaz, Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Revista Pro-Posições*, v.14, n. 2(41), 2003, pp. 61-75.

âmbito de uma cultura de movimento. A economia de energia e a utilidade das ações, objetivos maiores da educação do corpo nos últimos duzentos anos no Ocidente, nunca foram e não são suficientes para compreendê-lo como lugar e inscrição da cultura. Neste sentido, importante é pensar que

*(...) entre o corpo e a técnica não há sempre relações harmoniosas e de acoplamento funcional, mas, também, tensões, disputas e diferenças, nem sempre visíveis ao primeiro olhar, nem sempre historicizadas e submetidas à análise etnográfica. Por isso, lembrar das sensibilidades culturais que em cada situação possibilitam a criação ou o abandono de cada técnica esportiva é uma maneira, entre outras, de perceber que toda a sedução exercida pelo esporte tem razões muito mais complexas do que pode explicar a sua insistente publicidade internacional.<sup>17</sup>*

As práticas corporais podem, assim, ser configuradas como expressão concreta de possibilidades de educação do corpo; são discursos que movimentam ideais de corpo, saúde, beleza, felicidade humana e revelam segredos e desejos ocultos de indivíduos e das sociedades que as criam e destroem. Pode-se afirmar que são verdadeiros palcos onde se encenam aspectos da vida. Neste sentido, os lugares onde são realizadas, ou seja, a arquitetura especificamente voltada às práticas corporais, também revelam medos e ansios, também determinam uma certa “educação do corpo” e, em sua materialidade, permitem elaborar uma crítica ao modo como temos vivido. Nunca é demais lembrar, com Foucault, que “fazer crítica é tornar difíceis os gestos demasiadamente fáceis”(pois “a crítica é certamente a análise dos limites e a reflexão sobre eles”).<sup>18</sup>

Arquitetura e corpos têm refletido, ao longo da história, a imposição de modelos particulares de sociedade, de disciplina, de liberdade e de interdições. Se pensarmos no mundo ocidental, parece claro que o modelo que se impõe como aspiração ideal e global gera paredes que separam, de um modo cada vez mais eficaz, aqueles que possuem bens materiais e imateriais daqueles que não os possuem. Assim, parece que os corpos

<sup>17</sup> Denise B. Sant’Anna. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. In: Revista *Motrivivência*. Ano XI, n. 15, agosto de 2000. Florianópolis: Editora da UFSC, pp. 13-24.

<sup>18</sup> Foucault, *Ditos e escritos*, v. II, p. 347.

constituem-se em lugares indiscutíveis, tanto quanto a arquitetura, de visibilidade dessas diferenças e do abismo que a cada dia se aprofunda.

#### Abstract

The materiality of the body could be used to reflect human life in all its aspects. Through it we can illuminate the understanding of the world. Body as a "territory" is built by freedoms and oppositions. It reveals the essence of society and is the visible synthesis of the relationship between nature and culture. Its multiple senses create the need for multiple looks or understandings. The body is also an expression of the marks sculpted in the stone, in concrete, in sand grain. It is composed of memories. Its education is related to the world's materiality. The implication of these ideas is evident when we think the role of architecture in this process of body education.

#### Referências bibliográficas

- ARON, J.-P. La tragédie de l'apparence à l'époque contemporaine. *Communications*. Paris: Seuil, 1987, n. 46, pp. 305-19.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1917.
- BORDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge University Press, Cambridge, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Communication*. Paris, Seuil, n. 67. (*Le spectacle du sport*), 1998.
- ECO, U. *La estructura ausente*. Barcelona: Lumen, 1968.
- FOUCAULT, M. *Vigilar y Castigar: El Nacimiento de la Prisión*. México: Siglo XXI, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Ditos e Escritos, v. II), 2000.
- FISCHLER, C. La symbolique du gros. In: *Communications*. Paris: Seuil, n. 46 (*Parure, pudeur, étique*), 1987, pp. 255-78.
- GRAHAME, M. *The House of Pompeii: Space and Social Interaction*. Tesis de doctorado, Faculty of Arts, Department of Archaeology, Southampton University, Gran Bretaña, 1995.
- \_\_\_\_\_. Public and Private in the Roman House: the Spatial Order of the Casa del Fauno. In: *Journal of Roman Archaeology*. Supplement 22. Londres, 1997, pp. 137-64.

- \_\_\_\_\_. *Reading Space: Social Interaction and Identity in the Houses of Roman Pompeii*. Bar, International Series 886, 2000.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MARKUS, T. *Buildings and Power: Freedom and Control in the Origin of Modern Buildings Types*. Oxford: Blackwell, 1993.
- PANOFSKY, E. *Arquitectura Gótica y Pensamiento Escolástico*. Madrid: Ed. La Piqueta, 1957.
- PASOLINI, P. P. *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SANT'ANNA, D. B. de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- \_\_\_\_\_. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- \_\_\_\_\_. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. *Revista Motrivivência*. Florianópolis; Editora da UFSC, Ano XI, n. 15, agosto, 2000.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SENNET, R. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOARES, C. L. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Imagens da Educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- VAZ, A. F. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Revista Pro-Posições*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas-Faculdade de Educação, 2003. V.14, n.2(41), maio-ago, pp. 61-75.
- VIGARELLO, G. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Seuil, 2002.
- \_\_\_\_\_. Le temps du sport. In: CORBIN, A. *L'avènement des loisirs: 1850-1960*. Paris: Aubier, 1995, pp.191-220.
- \_\_\_\_\_. A história e os modelos do corpo. *Revista Pro-Posições*. Campinas:

- Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 2003. V.14, n. 2 (41), maio-ago, pp. 21-9.
- WANDERLEY, C. *Noções de saúde; tecnologias da linguagem*. Campinas: Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp. Tese (doutorado), 2003.
- ZARANKIN, A. Casa Tomada: sistema, poder y vivienda domestica. Sed Non Satiata. In: ZARANKIN, A.; ACUTO (eds.). *Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea*. Buenos Aires: Del Tridente, 1999, pp. 239-72.
- \_\_\_\_\_. Arqueología de la arquitectura. Another brick in the wall. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* (no prelo).
- \_\_\_\_\_. *Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista: O caso de Buenos Aires*. Campinas: Centro de Historia da Arte e Arqueologia (IFCH-Unicamp), 2002.